

O OLHAR SOBRE SI MESMO, OU FRACASSO E LUCIDEZ NOS TEXTOS DE TUCÍDIDES E POLÍBIO¹

THE GAZE ON ONESELF: FAILURE AND LUCIDITY IN THE TEXTS OF THUCYDIDES AND POLYBIUS

Breno Battistin Sebastiani*
Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Os conceitos de mobilidade do olhar e complementaridade entre objeto e modo de ver enformam o estudo de passos de Tucídides e Políbio que tratam de seus fracassos políticos. Por meio de abordagem comparativa e histórico-filológica, o artigo propõe uma alternativa a análises narratológicas tradicionalmente operadas no estudo dos referidos historiadores.

PALAVRAS-CHAVE

Olhar, narratologia, Tucídides, Políbio

I

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo.

Machado de Assis

Bento Santiago, narrador e personagem da própria narração, enuncia um paradoxo tanto existencial² como formal, ao sugerir a própria ausência em pleno exercício de circunspeção. A perplexidade do leitor é imediata: onde, como ou quando, exatamente, “falto eu mesmo”? Certamente não na desaparecida casa da Rua de Mata-cavalos, nem na recém-construída no Engenho Novo, no presente da escrita (apesar, ou em razão, do afirmado), nem nas memórias que enformam o romance; no tempo que medeia entre os fatos narrados e a composição da narrativa, talvez, mas a rigor nem então. Para que e de que modo (não) olha esse (suposto inexistente) olhar?

* sebastiani@usp.br

¹ Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, cuja bolsa PQ agradeço. Aos pareceristas da revista sou grato pela cuidadosa leitura e contribuições judiciosas.

² BOSI. *Machado de Assis. O enigma do olhar*, p. 37.

Ao sugerir a própria ausência, Bento Santiago acaba chamando atenção para a ubiquidade da própria presença por meio de uma peculiar dialética de oposições extremas – presença *versus* ausência, mediadas por sugestões de ocultamento e apresentação. Tal exercício poderia exprimir, por um lado, o resultado forçoso e incerto da dúbia tentativa de “atar as duas pontas da vida” – as ausências de um presente exterior a demarcar a da memória atemporal, incapaz de preenchê-las; por outro, porém, a constatação do próprio vazio interior acaba por fazê-lo desconsiderar em tudo o mais qualquer valor de presença. O olhar do narrador oscila entre fora e dentro, introverte-se e reflexiona, pondera e ajuíza. E a narração que se segue descortina o modo como se move, o tempo que se demora em cada objeto e por que o faz.

Concentrado em “entender o olhar machadiano, o que é um modo existencial de lidar com a perspectiva, a visão do narrador, o ponto de vista ou, mais tecnicamente, com o foco narrativo”, A. Bosi justifica a formulação do problema a ser investigado em *Machado de Assis. O enigma do olhar*:

Olhar tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso, por exemplo, de *ponto de vista*. O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode também ser o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento.³

O entendimento de juízos e ideais de Machado de Assis almejado por tal investigação deriva da atenção ao dinamismo do referido olhar, mais do que à decomposição descritiva:

A historicidade em que se inscreve uma obra de ficção traz em si dimensões da imaginação, da memória e do juízo crítico. Valores culturais e estilos de pensar configuram a visão do mundo do romancista, e esta pode ora coincidir com a ideologia dominante, ora afastar-se dela e julgá-la. *Objeto do olhar e modo de ver* são fenômenos de qualidade diversa; é o segundo que dá forma e sentido ao primeiro.⁴

Os dois conceitos destacados originalmente pelo autor (a atenção ao movimento do olhar e a complementaridade entre objeto do olhar e modo de ver), como as questões que decorrem do olhar paradoxal de Bentinho, são lentes metodológicas que também contribuem para com o entendimento de narrativas não ficcionais. Refiro-me especificamente à historiografia de Tucídides e Políbio, que tinham no testemunho autóptico pessoal o requisito basilar, embora não suficiente, para a elaboração de um texto que tornaria os fatos visíveis à mente do leitor;⁵ e precisamente aos passos em que cada um meditou as circunstâncias do respectivo fracasso político-militar, na condição

³ BOSI. *Machado de Assis. O enigma do olhar*, p. 10. Destaques no original.

⁴ BOSI. *Machado de Assis. O enigma do olhar*, p. 12. Destaques no original.

⁵ SCHEPENS. L' 'autopsie' dans la méthode des historiens du Ve siècle avant J.-C.; SOARES. *Ekphrasis e enargeia* na historiografia de Tucídides e no pensamento filosófico de Paul Ricoeur; SOARES. História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides, p. 385-576; PIRES. Thucydide et l'assemblée sur Pylos (IV.26-28), p. 133-135. O tratamento de cada historiador ao problema da insuficiência da presença cognitiva é discutido na sequência.

de narrador e ao mesmo tempo personagem do próprio texto, passos em que o olhar reflexivo da memória se destaca no exercício de circunspecção que é a própria narrativa.⁶ O problema a ser investigado, e para com o qual a abordagem de A. Bosi contribui, diz respeito ao *modo* como cada historiador (re)viu e fez (re)ver o que preferiu ao “dizer o que aconteceu”.⁷

Ao relegar definitivamente à vida privada homens cuja razão de viver era o exercício de comando e decisão na esfera pública, o fracasso e o conseqüente exílio condicionaram e/ou interferiram sensivelmente na redação das respectivas obras.⁸ Uma vez decididos a escrever, fizeram-no até o fim de suas vidas, como sugerem as menções a Arquelaus, rei da Macedônia entre 413 e 399 a.C. (Thc.2.100.2), e à Via Domitia, aberta pelos romanos em 118 a.C. (Plb.3.39.8). Meditando as razões de ocorrências públicas, ambos os ex-comandantes continuavam a exercitar politicamente o olhar experimentado apesar de segregados da esfera pública. Quando narraram as circunstâncias dos respectivos fracassos, Tucídides e Políbio o fizeram como mediadores entre as próprias memórias, no polo privado e, no público, as implicações políticas da escrita da história. A expressão formal dessa mediação, que corresponde à alegada busca pela verdade factual,⁹ é o olhar reflexivo e concentrado na elaboração narrativa da experiência vivida. A posição de ambos em relação às próprias obras é análoga à de Bentinho, porque também mediadores, sucumbidos e faltantes; o sentido, como as inflexões e a meta do olhar de cada um, também denotam características afins.

Neste texto, emprego aquelas lentes metodológicas para investigar o modo como Tucídides e Políbio elaboraram as respectivas visões sobre o fracasso, e para apontar os elementos que as tornam distintas ou afins.¹⁰ Na conclusão, discuto os significados da trajetória de cada olhar. O emprego, nesse tipo de estudo, dos conceitos formulados por

⁶ Thc.1.22; 4.104-107; 5.26; Plb.28-31 (*passim*).

⁷ ARISTÓTELES. *Poética*, 9, 1451b-4.

⁸ Recorro à distinção entre público e privado conforme conceituada por H. Arendt (*The human condition*, p. 68-78: respectivamente em termos de oposição liberdade *versus* necessidade, permanência *versus* futilidade, honra *versus* vergonha). Políbio iniciou a redação das *Histórias* já quando detido em Roma. Quanto a Tucídides, a data em que começou a escrever é controversa: embora tenha afirmado que “começou a escrever tão logo a guerra eclodiu” (1.1.1), um biógrafo anônimo escreveu que “dizem que redigiu o próêmio (*i.e.*, Thc.1.1-23) depois da história” (*Vit. Thuc. Anon.*8), justificando a alegação com as menções à purificação de Delos ocorrida durante a guerra (1.8.1), ao fim da guerra (1.13.1) e à caracterização da guerra como o maior dos conflitos até então ocorridos (1.1.2).

⁹ Conforme ambos os historiadores indicaram método e meta das próprias obras e – por que não? – das próprias vidas: *zétesis tês aletheías* (Thc.1.20.3), *tên tôn pragmatôn zétesin* (Plb.16.17.9; sobre a acepção de verdade como imparcialidade, ver Plb.1.14; como reprodução minuciosa de discursos e atos, ver Plb.12.25b).

¹⁰ A narração – sumária – da circunstância em que mil reféns aqueus (dentre eles Políbio) foram levados a Roma em 167 a.C. está em Paus.7.10.5-12, não no texto supérstite das *Histórias*. Em nenhum momento do passo, que provavelmente deriva de Políbio, Pausânias o menciona nominalmente; e toda a responsabilidade pela extradição dos reféns aqueus é atribuída às intrigas de Calícrates e ao ato falho de Xenão. Nas *Histórias* se encontram apenas fragmentos relativos a ocorrências anteriores e posteriores ao evento. Neste texto, discuto especificamente o passo Plb.28.12-13, em razão de sua singularidade e direta vinculação ao tema.

A. Bosi, distingue-se e aprimora abordagens narratológicas empreendidas até o momento sobre as obras dos referidos historiadores.¹¹ J. Davidson já havia acusado problemas no emprego de “focalização” para o estudo de Políbio;¹² T. Rood e N. Miltsios, por sua vez, continuaram a dar curso ao conceito;¹³ e noções como “pausa”, “cena”, “sumário” e “elipse”, integrantes do conceito de velocidade narrativa,¹⁴ tampouco dão conta da investigação ora proposta. A proposta de descrever “constantes da narrativa”¹⁵ não contempla a percepção das variações do movimento do olhar e a complementaridade de seus significados. Atentar para a mobilidade do olhar implica observar ao menos três ocorrências: o deslocamento espaço-temporal do olhar, sua abrangência ou hesitação, e a negociação que estabelece entre vontade de entender e justificação de preferências. De modo semelhante, a relação entre objeto do olhar e modo de ver pode ser aferida por meio de múltiplos graus intermédios de dois extremos – máximo distanciamento crítico e total identificação pessoal. Combinadas, mobilidade do olhar e complementaridade entre objeto e modo de ver sugerem novos conceitos analíticos, como discreto olhar de relance e encaro demorado e insistente.

Que a mera presença do observador ante uma ocorrência não é garantia suficiente de sua apreensão, nem de apreensão exata e fidedigna, Tucídides o acusa sobretudo no proêmio e Políbio, no livro 12: estar presente não basta; é o olhar que transforma o evento em objeto de reflexão. Para isso haveria meios específicos e gradações.

A presença autóptica do próprio historiador é, para Tucídides, a máxima garantia de apreensão precisa e fidedigna (*parên*) (Thc.1.22.2). Mas a “investigação da verdade” (Thc.1.20.3) não pode se deixar viciar por negligência (*atalaíporos*), comodismo (*tà hetoîma*) ou impressão de momento (*tòn paróna* [scil. *pólemon*] *aièi mégiston krinónton*) (Thc.1.20-21): quanto mais recuado no tempo o testemunho ou dependente de informe alheio, tanto mais necessária a cautela em sua averiguação. A exata apreensão de um acontecimento é difícil (*epípónos*) e sujeita à idiosincrasia do informante (*eunoías è mnémes*) (Thc.1.22).¹⁶ A máxima verdade por vezes é minimamente visível (*alethestáten próphasin, aphanestáten dè lógo*) (Thc.1.23.6). O olhar, em suma, mesmo se o do próprio historiador, é critério decisor, mas não apenas porque presente.

Também Políbio tem na visão a máxima garantia de verdade e exatidão (*alethinotéras... tês horáseos... ophthalmoi gàr tôn óton akribésteroi mártýres*) (Plb.12.27.1), mas subordina seu valor ao cumprimento, cumulativo e de valor crescente, de três

¹¹ E.g. ROOD. *Thucydides. Narrative and explanation*; ROOD. *Thucydides*; GRETHLEIN. *The Greeks and their past. Poetry, oratory and history in the fifth century BCE*, p. 205-280, sobre Tucídides; ROOD. *Polybius e MILTSIOS. The shaping of narrative in Polybius*, sobre Políbio. Nenhum desses autores discute especificamente a questão da narração dos próprios fracassos por Tucídides e Políbio.

¹² DAVIDSON. *The gaze in Polybius' Histories*, p. 11: “Gaze’ has the advantage of reflecting the visual metaphors which are used consistently by Polybius, though rejected by Genette”.

¹³ ROOD. *Thucydides. Narrative and explanation*, p. 12-13; MILTSIOS. *The shaping of narrative in Polybius*, p. 3.

¹⁴ Ver GUILLEMETTE & LÉVESQUE. *La narratologie*, 2.5.2.

¹⁵ ROOD. *Thucydides. Narrative and explanation*, p. 9.

¹⁶ Ver LORAUX. *Thucydide a écrit la Guerre du Péloponnèse*, p. 152-156.

requisitos por parte da testemunha, fosse historiador ou informante: domínio de obras que tratassem do assunto investigado, observação topográfica e experiência político-militar, sem a qual seria impossível propor questões corretas a um informante, por exemplo (Plb.12.25e.1; 28a.8-10). De modo análogo ao proceder de Tucídides, quanto maior o recuo no tempo e a dependência de informes alheios, isto é, quanto mais afastada a apreensão do controle do olhar do historiador, maior o cuidado necessário na investigação.

II

O olhar de Tucídides sobre si mesmo que a obra deixa ver é via de regra relanceado. Desde a primeira linha, quando o faz o narrador refere o próprio nome como se se tratasse de um terceiro, e são raras as ocasiões em que emprega a primeira pessoa.¹⁷ Apresentar-se em terceira pessoa, entretanto, destaca a própria presença apesar, ou em função, da sugestão sutil de inexistência de um sujeito historiador.¹⁸ No passo em que narra o próprio insucesso em Anfípolis (Thc.4.104-107), Tucídides examina a própria conduta sem deixar que o leitor perca de vista que narrador e personagem são a mesma pessoa. O olhar do historiador se desloca rapidamente do cenário de guerra para o próprio texto que o leitor tem sob os olhos – movimento, espiadela e aproximação, não focalização nem pausa: os atenienses que combatiam em Anfípolis

despacham ao outro estratega, responsável pela Trácia, Tucídides filho de Oloro, que escreveu este passo, e que estava próximo a Taso (a ilha é colônia dos pários e dista de Anfípolis meio dia de navegação) solicitando auxílio. Tão logo ouviu a requisição, ele navegou às pressas com sete naus que ali estavam, pois desejava alcançar Anfípolis o mais rápido possível, antes que ela se rendesse; e, caso não conseguisse, para ocupar previamente Eio (Thc.4.104.4-5).¹⁹

Quatro elementos (dois explícitos e dois aludidos) sobre si próprio são apresentados para apreciação do leitor: o cargo que ocupava, a filiação, a diligência com que abriu velas e a previdência em conceber um duplo plano.

No parágrafo seguinte, de modo duplamente oblíquo, porque conjecturando quais informações teria à disposição o comandante adversário Brásidas, outros detalhes particulares – seu poder econômico e influência política – são revisitados: “nesse ínterim Brásidas, com receio das naus auxiliares vindas de Taso, e tendo sabido que Tucídides controlava a exploração das minas de ouro daquela região da Trácia, em razão do que ombreava em poder com os primeiros do continente (...)” (Thc.4.105.1). Do cenário da guerra o olhar do historiador se espalha pela extensão de seu poder e influência, com a conseqüente sugestão da consciência de responsabilidades decorrente da magnitude, em termos pessoais e públicos, da missão.

¹⁷ Como no citado 1.22.2 ou em 2.48.3, ao mencionar ter contraído a peste.

¹⁸ Ver DARBO-PESCHANSKI. Thucydide: historien, juge, p. 137.

¹⁹ Todas as traduções são de minha autoria.

Após narrar a rendição de Anfípolis (Thc.4.105.2-106.2) e a própria chegada a Eio, “que Brásidas não ocupou por questão de uma noite, não fosse a rapidez das naus auxiliares” (Thc.4.106.3), Tucídides rememora as precauções que tomou, explicitando sem denominar a própria diligência e providência já aludidas: “em seguida ele [scil. Tucídides] tomou providências em Eio para se assegurar no momento, caso Brásidas atacasse, e também no futuro, ao acolher os que voluntariamente deixavam a região elevada durante a trégua” (Thc.4.107.1). O olhar do presente redesenha o passado especulando o que então seria futuro.

O problema central e não mencionado do passo é que a rendição de Anfípolis, como o desembarque de Tucídides em Eio, não perfaziam o cumprimento da missão de socorro. Com isso, o plano de ocupação de Eio, referido como segunda opção (Thc.4.104.4), torna-se a fronteira de uma zona de penumbra que o olhar do narrador se recusa a ultrapassar, relegando o que estaria além para a especulação do leitor, que começa a cogitar antecipação justificatória. O olhar do historiador contorna ou desvia bruscamente do problema que acarretara drásticas consequências para sua carreira política, e se mantém sobre os efeitos públicos de suas iniciativas.

A rendição de Anfípolis Tucídides rememorarão, de modo sumário, somente ao final do passo modernamente conhecido como “segundo prefácio”:²⁰

O mesmo Tucídides de Atenas descreveu tais eventos em sequência, conforme cada um ocorreu ao longo de verões e invernos, até que lacedemônios e aliados puseram fim ao império dos atenienses e capturaram os grandes muros e o Pireu. Nesse ponto o total de anos da guerra foi de vinte e sete. (...) Estou sempre lembrado (*mémnēmai*) de que, desde o início da guerra até o momento em que terminou, muitos diziam que ela deveria durar três vezes nove anos. Vivi-a (*epebion*) toda em idade de plena posse de minhas faculdades (*aisthanómenos*) e podendo aplicar meu entendimento (*proséchon tèn gnómen*) a saber (*eísomai*) qualquer coisa precisamente. Ocorreu-me ser exilado de minha pátria por vinte anos após a estratégia respeitante a Anfípolis; e, tendo-me imiscuído (*genoméno*) nos assuntos de ambos os lados e não menos nos dos peloponésios devido ao exílio, compreendê-los (*aisthésthai*) ainda mais com calma” (Thc.5.26.1; 4-6).

Escrito após o fim da guerra (404 a.C.), o parágrafo Thc.5.26 encerra vigorosa e inequívoca rejeição da visão, difundida à época, de que a Paz de Nícias (421 a.C.) havia significado verdadeira cessação de hostilidades; ao contrário, na visão de Tucídides tal “paz” demarcava nova fase do conflito.²¹ Contrastam com todo o restante da obra o acúmulo de formas em primeira pessoa e o tom acentuadamente memorialista, a sugerir um balanço da própria vida de vasta abrangência definido por balizas fundamentais e sumárias: a vivência de toda a guerra, o conhecimento de ambos os lados em conflito e

²⁰ Contra a hipótese de L. Canfora (derivada de Diógenes Laércio 2.57.15-17), que atribui o passo ao “editor” de Tucídides, supostamente Xenofonte (CANFORA. *Tucidide tra Atene e Roma*, p. 23-26 e 63; CANFORA. *Biographical obscurities and problems of composition*, p. 14-17), remeto ao comentário de Hornblower (*A commentary on Thucydides*: Volume III: books 5.25-8.109, p. 3 e 41-53), cuja visão unitarista adoto. Sobre a “questão tucidideana” e seus desdobramentos epistemológicos envolvendo visões analíticas e unitaristas a respeito da composição da obra, ver PIRES. *A questão tucidideana*. Avatares de uma *fênix narratológica* atacada de *Zeligmania*.

²¹ Ver CONNOR. *Thucydides*, p. 143.

a meditação ininterrupta. O olhar transita livremente por temporalidades e estados íntimos distintos. Apesar disso, as poucas informações biográficas dadas à vista são esquivas e impessoais, calculadas para conferir credibilidade à autoridade (*êthos*) do escritor antes que para descrever-lhe a personalidade.²² O olhar de Tucídides, ainda quando demorado sobre si mesmo, intencionalmente não faz assomar uma personalidade ao primeiro plano da narrativa: é apenas e precisamente sua condição pública de autor e personagem da narrativa, não a de indivíduo privado, que é oferecida ao exame público.²³ A figura pública delimita, revelando conforme oculta, a individualidade do autor; o olhar medeia a fim de ampliar distâncias.

O distanciamento e a demora do olhar da memória em relação aos fatos narrados atribuem sentido à disjunção entre o comando exercido em 424/3 a.C., o exílio subsequente e a posterior narração de cada evento: se Tucídides almejou sinalizar relações causais, estas só podem ser conjecturadas a partir de explícitas menções temporais; e a única ilação fidedigna a ser extraída do passo é que a memória de seu autor derivada de experiência autóptica é fundamento e fim de um saber privilegiado, estrategicamente apresentado por via de ao menos cinco formas que se iluminam reciprocamente (*mémnēmai, epebion, aisthanómenos, proséchon tèn gnómen, eísomai*). Movimento pendular, não focalização: da impressão sensorial imediata ao saber futuro, passando pelo crivo e elaboração permanentes do entendimento, o olhar de Tucídides abrange rapidamente os principais traços do perfil público de sua autoridade como historiador, sobre os quais sempre permanece, sem se deter sobre impressões pessoais, que só podem ser conjecturadas por via dos objetos apresentados e/ou pela ordem de sua apresentação, e apenas em raras ocasiões (e.g., Thc.2.65.5-13) por opinião explícita do autor.

III

Diferentemente de Tucídides, Políbio dedica amplo espaço a explicitar as próprias opiniões e não se furta a redigir longas digressões sobre detalhes pessoais, como a amizade com Cipião Emiliano, “para benefício dos apreciadores da leitura (*tôn philekóon hénēka*)” (Plb.31.23.1).²⁴ O emprego do plural majestático desde a primeira linha do prólogo (Plb.1.1-5) auxilia a realçar a presença manifesta e ubíqua do narrador no texto, detectável nas recorrentes intervenções explicitamente judicantes (também em primeira pessoa do singular a partir de Plb.1.14.1) e notória sobretudo no livro 12. Quando passa

²² Ver DARBO-PESCHANSKI. Thucydide: historien, juge, p. 136-137.

²³ Ver MARCELINO. *Vida de Tucídides*, 23-26 e 46-47; *Vit. Thc. Anon.3* e BURNS. *Marcellinus' Life of Thucydides*, p. 9-10.

²⁴ Em Plb.9.1-2, o famoso próêmio em que o historiador distingue e julga três gêneros de historiografia e seus respectivos leitores-típicos, o leitor *philékoos* é o que seria atraído pelo gênero genealógico, descartado por Políbio como desinteressante, pouco útil e voltado apenas para o prazer, não necessariamente para benefício do leitor. Ao leitor ideal de uma história pragmática Políbio denomina *philomathés* (apreciador do aprendizado).

a figurar como autor e personagem ao mesmo tempo,²⁵ Políbio reserva a primeira pessoa para o narrador e a terceira para o personagem; o que não significa, porém, que assim se concentrasse apenas em sua face pública: justifica a alternância por critério exclusivamente estilístico – a fim de evitar o “imenso fastídio” (Plb.36.12.4) do leitor caso empregasse um único modo de expressão. O olhar de Políbio não se faz apenas visível como, frequentemente, também reapresentado e destacado. Conforme anuncia no prólogo, seu olhar almeja ver tudo o que puder:

assim como o acaso fez convergir quase todos os acontecimentos do mundo habitado para um único centro, e fez com que tudo se voltasse para um único e mesmo objetivo, do mesmo modo é preciso levar aos leitores, pela história e sob uma única visada sinóptica (*mían sýnopsin*), a manobra de que o acaso se serviu para realizar a interação dos fatos; [...] dos escritores de histórias parciais não é possível obter uma visão de conjunto (*synidém*). [...] Apenas pela coesão e justaposição de todos os elementos em relação uns aos outros, e ainda por sua semelhança e diferença, é possível apreender a utilidade e o prazer da história após uma visão geral (*katopteýsas*) (Plb.1.4.1, 6 e 11).

Entre os fragmentos supérstites de Políbio não figuram a narração de seu próprio fracasso nem a da ocasião em que foi levado a Roma para julgamento.²⁶ Entretanto o parágrafo Plb.28.13 delimita um momento privilegiado da narrativa em que é possível notar a dinâmica e as tensões do olhar de Políbio: meditando, na condição de aliado romano, ao longo dos anos posteriores a 150 a.C., quando retorna à Grécia ao fim de dezessete anos de detenção,²⁷ Políbio revisita com muita cautela a ocorrência capital que, conforme alega, o teria comprometido aos olhos dos vencedores. O olhar que almejava tudo ver parece constrangido, neste preciso momento, a transitar antes pela penumbra da justificação que pela evidência factual.

Sempre referindo-se a si mesmo em terceira pessoa, Políbio escreve que, em 170/69 a.C., na iminência do colapso da Macedônia (168 a.C.), o estrategista dos aqueus Arcão decide rebater com atos a suspeita, despertada outrora por Calícrates,²⁸ de que os aqueus agiam contra os romanos e em favor do rei Perseu (Plb.28.12.1-6). Arcão teria então proposto o envio de uma expedição aqueia à Tessália para fazer junção com o cônsul romano Quinto Márcio Filipo, envio que foi aprovado. Políbio foi apontado como embaixador e partiu imediatamente na condição de chefe da embaixada, com ordens de reportar aos aqueus o mais rápido possível as instruções romanas. O plano, porém, teria de sofrer alterações:

²⁵ Conforme anunciou em 3.4.13: “fui não somente testemunha mas também colaborador de uns [fatos] e diretor de outros”. O passo em que se dá a confluência é Plb.24.6.3. Ver MILTSIOS. *The shaping of narrative in Polybius*, p. 132-133. Sobre o emprego distinto de primeira e terceira pessoa, ver MARINCOLA. *Authority and tradition in ancient historiography*, p. 188-191.

²⁶ Ver nota 11. Apenas os cinco primeiros livros das *Histórias* subsistem completos.

²⁷ Sobre a data de composição das *Histórias*, ver BARONOWSKI. *Polybius and Roman imperialism*, p. 3-4.

²⁸ Em 181 a.C. Calícrates foi mandado em embaixada a Roma (Plb.24.8-9); ao invés de tratar do que fora incumbido, agiu como traidor (aos olhos de Políbio: ver Plb.18.15.1-3; 30.13; 30.29.7), acusando no senado seus adversários políticos, encabeçados por Licortas e seu filho, o próprio Políbio.

Ao saber que os romanos haviam deixado a Tessália e acampavam na Perrébia, entre Azório e Dólida, a comitiva de Políbio postergou o encontro, dada a circunstância crítica, mas partilhou do perigo da invasão da Macedônia. Quando o exército desceu à região de Heráclio, pareceu fosse o momento oportuno para o encontro, pois parecia que o comandante havia realizado a maior parte de seu plano. Mostraram, então, o decreto a Márcio, e explicaram a intenção dos aqueus, que desejavam partilhar em bloco de seus combates e perigos. Mostraram também que tudo quanto os romanos haviam escrito ou ordenado aos aqueus na presente guerra permanecia incontestado. Márcio aprovou efusivamente a intenção dos aqueus, mas os dispensou da fadiga e da despesa, pois o auxílio de aliados não mais era necessário na ocasião. Os demais embaixadores retornaram à Acaia; Políbio, porém, lá permaneceu e partilhou das operações. Ao saber que Ápio Centão requisitava cinco mil soldados aqueus no Epiro, Márcio despachou Políbio exortando-o a que cuidasse para que os soldados não fossem enviados, nem que os aqueus arcassem em vão com tamanha despesa, pois Ápio requisitava tais soldados sem qualquer razão. Difícil dizer (*chalepòn eipém*) se o fez porque se preocupava com os aqueus, ou porque desejava manter Ápio inativo. Políbio retornou ao Peloponeso quando a carta do Epiro já havia chegado; pouco depois os aqueus se reuniram em Sicião, e um enorme problema surgiu. Quando começaram a discutir sobre os soldados requisitados por Ápio, ele decidiu não revelar aquilo de que Márcio o havia encarregado em particular; por outro lado, teria sido extremamente perigoso opor-se abertamente ao auxílio sem nenhuma razão. Como o caso era difícil e complexo, baseou-se no momento em um decreto do senado que ordenava que ninguém acatasse o que fora escrito por comandantes caso não o fizessem por decreto do senado. O que não vinha referido na carta. Com isso, conseguiu que a questão fosse remetida ao cônsul e que por intermédio dele a Liga Aqueia fosse dispensada da despesa, superior a cento e vinte talentos grandes. Na realidade, apenas forneceu pretexto aos que desejavam caluniá-lo diante de Ápio, pois frustrara seus planos para o auxílio (Plb.28.13).

É evidente no passo a oscilação do olhar de Políbio entre temporalidades e interesses de difícil conciliação. A narração de um episódio de juventude é indissociável do tom defensivo e apologético conscientemente buscado nos anos de maturidade.²⁹ Na expressão “difícil dizer” (Plb.28.13.8) se cruzam olhares dirigidos a momentos distintos e com finalidades distintas: o verbo principal parece ter sido propositalmente omitido, de modo a preservar uma almejada indefinição sobre a data e as implicações do juízo. Quando e com que intuito, exatamente, seria “difícil dizer”, Políbio não o apontou inequivocamente. Na ocasião passada, em 170/69 a.C., ou no presente da escrita? O olhar do historiador busca antes amalgamar memória e justificativa – “partilhou da invasão da Macedônia”, “pareceu fosse o momento oportuno etc” ou “o caso era difícil e complexo” são acréscimos ajuizantes que anseiam por denotar descolamento e isenção; ao mesmo tempo, entretanto, revelam preocupações íntimas de um olhar que, admitida a idoneidade na busca da “verdade factual”, se esgueira por entre escolhos conflitantes, quais os interesses políticos do grupo a que estava vinculado na ocasião passada, cuja preocupação central era resguardar o máximo de autonomia possível ante a expansão hegemônica da Macedônia

²⁹ Sobre o viés diplomático da narrativa de Políbio, sobretudo na segunda metade da obra (*i.e.*, livros 21-39), que concentra eventos em que o historiador tomou parte, ver THORNTON. Polybius in context: the political dimension of the *Histories*, p. 213-214; sobre sua complexa situação quando detido em Roma, ver ERSKINE. Polybius among the Romans: life in the Cyclops' cave, p. 17-32; sobre as tensões entre a política romana do período e as visões de Políbio a respeito, ver MOMIGLIANO. The historian's skin, p. 85.

e, depois, de Roma; e a necessidade, do presente da escrita, de ater-se à verdade buscada sem, contudo, desnecessariamente comprometer-se uma vez mais aos olhos dos vencedores. Deslocamento e desvio, não focalização nem cena; talvez elipse, caso se assuma o ônus de postular omissão ou mentira propositais.

Diferentemente do olhar de Tucídides há pouco analisado, a mediação exercida pelo olhar de Políbio almeja sugerir proximidade em relação ao leitor, tomando-o quase por aliado, e o faz por meio do trânsito entre distintas ocorrências e temporalidades a fim de acumulá-las. Na tentativa de abarcar o máximo de completude factual possível (a “visada sinóptica” almejada em Plb.1.4), procura, quase explicitamente, orientar os olhos do leitor por entre os fatos que meditou. As conjecturas que deixa ao leitor dizem respeito às intenções do autor, não sobre suas impressões e opiniões, via de regra mencionadas. O olhar que, em operação análoga à de *týche*, “fez com que tudo se voltasse para um mesmo e único objetivo” (Plb.1.4.1), parece pairar sobre o objeto que medita tanto quanto, paradoxalmente, está nele imiscuído. E se utiliza do mesmo recurso principalmente no passo em que a maior preocupação do autor era a de repelir qualquer tipo de suspeita ou acusação que pudesse perturbar sua presente condição (“pedimos a todos os deuses para poder passar o que nos resta de vida nas mesmas condições” – Plb.39.8.2). C. Champion caracterizou como flexível e ambígua a opção de Políbio por limitar seu sistema de causalidade a fatores institucionais e contingências históricas:³⁰ os mesmos atributos também caracterizam o olhar cuja tarefa precípua seria “vigiar e buscar as causas dos acontecimentos” (Plb.3.7.7), sobretudo quando está em jogo a necessidade de conciliar interesse próprio e verdade factual.

IV

A atenção aos movimentos do olhar de cada historiador se torna efetivamente um ganho instrumental e cognitivo em relação à detecção de constantes narratológicas quando também percebe a trajetória por eles percorrida. Ambos os olhares denotam a lucidez alcançada por cada historiador durante ou após os anos de exílio, que Tucídides afirma ter vivido “em tranquilidade” (*kath’ hesychían* – Thc.5.26.5), e Políbio em relativa liberdade.³¹ Também o historiador aqueceu associa vivência, obra e modos de ver:

[A] todos os homens são facultados dois modos de aprimorar-se: um, por meio dos próprios fracassos, outro, pelos alheios. O que deriva dos próprios revezes é mais vivaz (*enargésteron*), e menos danoso o que deriva dos alheios. Por isso jamais o primeiro deve ser voluntariamente escolhido, pois aperfeiçoa com muitas penas e perigos, mas deve-se almejar sempre ao outro, pois nele é possível distinguir (*synideîn*) sem prejuízo (*choris blábes*) as melhores opções (Plb.1.35.7-8).

Ironia trágica e lucidez se complementam integradas pelo olhar mediador: o homem que meditou tal distinção acabara de tomar decisões equivocadas, que culminaram em

³⁰ CHAMPION. *Cultural politics in Polybius’s Histories*, p. 5 e 32.

³¹ Em função da amizade com Cipião Emiliano (Plb.31.23-30), Políbio obteve regalias em relação aos outros mil detentos, como a permissão para viver na própria urbe e fazer viagens curtas pela Itália.

ruína e detenção. “Lucidez”, ou “clarividência histórica”, define também a meta almejada dos esforços com que cada historiador procurou resgatar do esquecimento e atribuir sentido a acontecimentos e condutas. A operação, por sua vez, é creditada por Tucídides e Políbio a virtudes ambivalentes, tanto intelectuais quanto éticas, não por acaso partilhadas pelo estrategista competente e pelo historiador clarividente: *prónoia* (prudência ou previdência), *andreía* (coragem) e *gnóme* (juízo ou entendimento), dentre as mais significativas. A clarividência resultante da operação é igualmente fundamental para estrategistas e historiadores: *tò saphès skopeîn* (ver o que é evidente – Thc.1.22.4), *mían sýnopsin agageîn* (alcançar visada sinóptica – Plb.1.4.1).

O não cumprimento da missão de socorro a Anfípolis, não mencionado explicitamente por Tucídides; e a dificuldade alegada por Políbio para exprimir o sentido da iniciativa do cônsul romano em 170/69 a.C., delimitam circunstâncias para as quais, no presente da escrita, ambos os historiadores preferiram não olhar diretamente, limitando a própria observação a seus contornos. Os passos examinados revelam a clarividência do olhar minucioso dos narradores evidenciada por seus movimentos calculados, e precisamente por isso suscitam a questão sobre se, no momento dos respectivos fracassos, há muito passado em relação ao tempo da escrita, houve falhas no desempenho de alguma das virtudes associadas à lucidez dos agentes. Nenhum dos historiadores se acusa, tampouco se defende, e com isso em ambos os textos – em passos dedicados a “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” –, momentos cruciais, ambos “faltam” deliberadamente. De modo paradoxal, “ver o que é evidente” e alcançar “visada sinóptica” torna-se exercício de não ver, em meio ao qual a circunspeção, do narrador e do leitor, denuncia a ausência do primeiro. A trajetória de ambos os olhares, que enforma a meditação de ambos os historiadores, é sinuosa nos passos analisados: avança até a fronteira do evento, nela se detém e daí retorna sempre com os olhos no presente. No caso específico desse exercício, a vida se faz mestra da história: escrever é evidenciar a habilidade de ver. As parcas sugestões de proximidade de Tucídides denotam distanciamento; o encaro sistemático de Políbio se desvia no momento delicado. Ainda que a história almejasse a precisão ótica de um espelho, é o olhar, não a imagem, quem diz e revela.

Modos de se ocultar ao se expor, mantendo os olhos no presente e no futuro, eram objeto de meditação de ambos os historiadores, porque exemplos de inteligência cognitiva e prognóstica tradicionalmente celebrados: caso emblemático era o nome ocultador (*Oytis*) com que Odisseu se expôs ao olhar do ciclope, que provocava alterações também na trajetória do olhar dos feaces e do ouvinte/leitor da epopeia.³² Sagaz, circunspecto e lúcido, no momento da narração, como os olhares de Odisseu e de Bentinho, o olhar dos historiadores modaliza e circunscreve não apenas objetos, como também a trajetória do outro olhar que o revê. Se toda busca de significado pressupõe comparação e esta, por sua vez, juízos e critérios, a atenção aos modos de ver (n)o texto não ficcional pode

³² Odisseu em Tucídides: Thc.4.25.5; ciclopes: Thc.6.2.1. Políbio projeta em Odisseu o historiador ideal: Plb.12.27.10-11. Sobre a influência da *Odisseia* no pensamento dos historiadores gregos, ver MARINCOLA. *Odyseus and the historians, passim*.

ser pensada como meio para obtenção de maior entendimento do pensamento atuante na escrita frente à descrição de suas constantes formais: o que não é direta ou imediatamente visível também está presente, integrando e condicionando a narrativa. E enxergá-lo depende da observação dos movimentos do olhar de quem (não) olha.



ABSTRACT

The concepts of gaze movement, and of complementarity between object of gazing and way of gazing, inform the study of passages from both Thucydides and Polybius, in which they write about their own political failures. This paper avails itself of a comparative and historical-philological approach, and advances an alternative to traditional narratological analyses current in the studies about those historians.

KEYWORDS

Gaze, narratology, Thucydides, Polybius

REFERÊNCIAS

- ARENDR, H. *The human condition*. 2. ed. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1998.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- BARONOWSKI, D. W. *Polybius and Roman imperialism*. London: Bristol Classical Press, 2011.
- BOSI, A. *Machado de Assis. O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2003.
- BURNS, T. Marcellinus' *Life of Thucydides* translated with an introductory essay. *Interpretation*, New York, v. 38, p. 3-25, 2010.
- CANFORA, L. *Tucidide tra Atene e Roma*. Roma: Salerno, 2005.
- CANFORA, L. Biographical obscurities and problems of composition. In: RENGAKOS, A.; TSAKMAKIS, A. (Ed.). *Brill's companion to Thucydides*. Leiden; Boston: Brill, 2006. p. 3-31.
- CHAMPION, C. B. *Cultural politics in Polybius's Histories*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 2004.
- CONNOR, W. R. *Thucydides*. Princeton: Princeton University Press, 1984.
- DARBO-PESCHANSKI, C. Thucydide: historien, juge. *Mètis. Anthropologie des mondes grecs anciens*, Paris, v. 2, n. 1, p. 109-140, 1987.
- DAVIDSON, J. The gaze in Polybius' *Histories*. *JRS*, Cambridge, v. 81, p. 10-24, 1991.
- ERSKINE, A. Polybius among the Romans: life in the Cyclops' cave. In: SMITH, C.; YARROW, L. M. (Ed.). *Imperialism, cultural politics, and Polybius*. Oxford: OUP, 2012.
- GRETHLEIN, J. *The Greeks and their past*. Poetry, oratory and history in the fifth century BCE. Cambridge: CUP, 2010.

- GUILLEMETTE, L.; LÉVESQUE, C. La narratologie. Disponível em: <<http://www.signosemio.com/genette/narratologie.asp>>. Acesso em: 7 dez. 2014.
- HORNBLOWER, S. *A commentary on Thucydides: Volume III: books 5.25-8.109*. Oxford: OUP, 2008.
- LORAUX, N. Thucydide a écrit la Guerre du Péloponnèse. *Mètis. Anthropologie des mondes grecs anciens*, Paris, v. 1, n. 1, p. 139-161, 1986.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro*. In: MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obras completas*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MARINCOLA, J. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: CUP, 1997.
- MARINCOLA, J. Odysseus and the historians. *Syllecta classica*, Iowa, v. 18, p. 1-79, 2007.
- MILTSIOS, N. *The shaping of narrative in Polybius*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2013.
- MOMIGLIANO, A. The historian's skin. In: MOMIGLIANO, A. *Sesto contributo alla storia degli studi classici. Tomo I*. Roma: Storia e Letteratura, 1980. p. 77-88.
- PIRES, F. M. Thucydide et l'assemblée sur Pylos (IV.26-28): rhétorique de la méthode, figure de l'autorité et détours de la mémoire. *The Ancient History Bulletin*, Northfield, v. 17, p. 127-148, 2003.
- PIRES, F. M. *A questão tucidideana. Avatares de uma fênix narratológica atacada de Zeligmania*. 2007b. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/>>. Acesso em 7 dez. 2014.
- ROOD, T. *Thucydides. Narrative and explanation*. Oxford: OUP, 1998.
- ROOD, T. Polybius. In: DE JONG; NÜNLIST, R; BOWIE, A. (Ed.). *Narrators, narratees, and narratives in ancient Greek literature. Studies in ancient Greek narrative*, v. 1. Leiden; Boston: Brill, 2004. p. 147-164.
- ROOD, T. Thucydides. In: DE JONG; NÜNLIST, R; BOWIE, A. (Ed.). *Narrators, narratees, and narratives in ancient Greek literature. Studies in ancient Greek narrative*, v. 1. Leiden; Boston: Brill, 2004. p. 115-128.
- SCHEPENS, G. *L'autopsie' dans la méthode des historiens du Ve siècle avant J.-C.* Brussel: Koninklijke Academie, 1980.
- SOARES, M. T. M. *Ekphrasis e enargeia na historiografia de Tucídides e no pensamento filosófico de Paul Ricoeur. Talia dixit*, Extremadura, v. 6, p. 1-23, 2011.
- SOARES, M. T. M. *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/18183>>. Acesso em 7 dez. 2014.
- THORNTON, J. Polybius in context: the political dimension of the *Histories*. In: GIBSON, B.; HARRISON, T. (Ed.). *Polybius and his world. Essays in memory of F. W. Walbank*. Oxford: OUP, 2013. p. 213-229.

Recebido em 26 de junho de 2014

Aprovado em 19 de agosto de 2014